

A educação pela escola

por Mário Frazão

A «Seara Nova» replicando às censuras feitas pelo Dr. Abel Salazar, nestas colunas, a uma série de artigos do Sr. Almirante Gago Coutinho, naquela revista publicados, tem para o nosso querido colaborador palavras duma estranha e descomedida violência. Contra elas vai o nosso protesto, porque Abel Salazar é um homem que, acima do seu saber altíssimo e do seu prestígio enorme, tem o carácter de quem não usa navalhas para ferir. Aliás, a «Seara Nova» quando pela primeira vez publicou artigos seus lhe chamou «bem amado»; nós, apenas, lhe chamamos, na ocasião a que se dá publicidade a um documento impressionante, companheiro querido pela sua honestidade e grandeza moral.

Ao Sr. António Sérgio

Basta de comédia. Não há da minha parte ódio algum; mas a irritação, a natural e crescente revolta de quem, tendo vivido 20 anos no meio da comédia intelectual que se chama a nossa universidade, foi lançado pela força dos factos, na comédia que se chama o nosso meio intelectual. E que tendo ali encontrado, como expoente simbólico dessa comédia, um Leonardo Coimbra, encontrou logo a seguir um expoente não menos simbólico que se chama António Sérgio.

Porque António Sérgio não passa de um «bluff», de um comediante intelectual, de um «tartuffo», e de um mísero plagiador: — o que estou pronto a demonstrar, com provas insofismáveis na mão, aqui, na «Seara», ou no tribunal, se aí me quiserem chamar.

Abel Salazar

Depois do lar, que, infelizmente, como somos forçados a reconhecer, não apresenta ainda o aspecto de sanidade e justiça suficiente para produzir uma boa educação, aparece-nos a escola como meio mais viável de aperfeiçoar a natureza humana. A sua influência, sem deixar de ser inferior de certo modo à actuação doméstica, é contudo considerável. Ela pode, e tem conseguido em certa medida, fomentar e desenvolver a noção de justiça tão necessária ao entendimento das gentes, o respeito mútuo entre os homens pelo reconhecimento recíproco dos direitos e deveres inerentes a cada um. Em suma, ela deve apresentar-se como o arauto de tôdas as verdades da vida. Para isso uma questão básica se impõe: a formação inteligente de pedagogos.

É óbvio ser o problema da educação o mais complexo de tôdas as questões sociais. Desta complexidade resulta a selecção dos corpos ensinantes. Além de muita cultura requiere o ensino *tacto* pedagógico. A escolha dos professores não pode, por isso, fazer-se ao acaso, tanto mais que a finalidade da escola não é já a de encher mecânicamente de conhecimentos os cérebros dos alunos.

Os últimos conceitos de educação dão-nos a perceber que a criança deve desenvolver as suas possibilidades sob o estímulo de meios adequados à sua natureza. Quere dizer, os processos educativos são adaptados às diversas tendências e idades das crianças e, tanto quanto possível, indivi-

dualizados, para que em cada ser humano se cultive e forme de facto a sua personalidade distinta e não a daquêles que pretendem educar. Critério que não exclui a noção de colectividade, sòmente distingue, sem os contrapor, individuo e sociedade. Regra geral não acontecia assim. A educação visava, apenas, a reflectir no espirito infantil concepções, preconceitos e ideais professados por grupos, partidos ou seitas, com a finalidade, nem sempre justa, de perpetuarem a sua existência ou predomínio. Dessa maneira, o ponto de partida não era a criança, mas sim o fundo egoista e petulante das colectividades ensinantes.

Ora, modernamente, não se pode já conceber tal presunção. A escola de hoje tem de ser a escola da verdade. O ponto de partida, di-lo a boa Pedagogia, é a criança com o seu próprio modo de ser. De há muito que as teorias pedagógicas puseram de parte a ideia do *humunculus* atribuída à constituição infantil e que levava a escola antiga a querer formar o homem antes do tempo.

A preparação das juventudes destina-se a épocas futuras que hão-de ser construídas e vividas principalmente por elas mesmas e não tanto pelos individuos que ficam, que morrem. Ora como às colectividades organizadas, em vista do sucessivo aparecimento de novos conhecimentos, novas teorias, novos ideais, não lhes é possível preverem, em absoluto, como será o mundo de amanhã, não de-

vem arrogar-se o direito de moldar a seu belo prazer e sob finalidade determinada, com prejuizo—quem sabe?—se da felicidade dos vindouros, as almas dos jóvens que hão-de viver uma vida pelo menos algo diferente da dos seus antepassados.

Os homens não podem ser educados todos sob um único aspecto, visto que a natureza os distingue entre si como individualidades diversas, sem detrimento das características gerais ou comuns que os aproximam. É por isso que a sã pedagogia não se cansa de apregoar o respeito pela individualidade infantil, pela natureza própria de cada ser, pelos seus direitos. Na escola moderna, pedagógica, a personalidade do professor oculta-se aos olhos da criança. O dogma vai dando lugar ao aprendizado pela reflexão, pela observação despertada. Pretende-se conseguir a redescoberta do saber pelo estímulo da dúvida.

A escola *standardiza-se*, quere dizer, toma a feição mais próxima do mundo da criança, tendo em conta as suas preferências, os seus gostos, os seus interesses e o aperfeiçoamento progressivo das suas possibilidades. Perde o clássico carácter *passivo* e torna-se *activa*. Os estabelecimentos Montessori, Decroly, Ferrière e tantos outros testemunham bem esta afirmação e constituem uma grande esperança de que à superfície da terra virão a multiplicar-se organizações educativas tão modelares como essas.